TL 2736
CIDAC
Centro de Documentação

TEMPO NOVO - 23·8·1974 - Nº 1

TIMOR QUER PORTUGAL

A hipótese da independência

— Se a anexação de Timor não entusiasma extraordinariamente os indonésios, muito menos os deve entusiasmar a hipótese de independência. Portugal é hoje ainda uma potência de 3ª categoria; a sua presença em Timor pode fazer dele para a Indonésia um potencial aliado - mas nunca constituir uma ameaça. Um Timor independente, por só ter possibilidades de subsistir se apoiado por uma potência externa, pode ser muito mais perigoso - para o saído e são sempre as grandes potências que ocupam o vazio deixado pela expulsão ou pela demissão dos pequenos... Por outro lado a recente independência da Nova Guiné Australiana exerce tendências separatistas na Nova Guiné Indonésia; nas Molucas do Sul houve, durante muito tempo, um activo foco autonomista; e nas outras ilhas de maioria cristã - Flores, celebes e mesmo Timor Indonésio - as tendências emancipalistas não parecem totalmente adormecidas. A independência de Timor constituiria, por isso, um mau exemplo e um precedente perigoso.

— Do outro lado fica a Austrália. Sem qualquer título ou pretexto, para pretensão sobre Timor, e deve também ver com bons olhos uma independência significará necessariamente subordinação a uma potência estranha. Com apenas 12.000.000 de habitantes uma área de 10 vezes a da Índia (mas mais perto de ser impenetrável do que seria de desejar) e Austrália vive dominada pelo receio do perigo amarelo. Um Timor onde 18.000 chineses mexem todos os cordelinhos do poder comunista tornar-se-ia fatalmente uma testa-de-ponte da China.

Os três partidos

— É neste contexto interno e externo que se vai desenvolver a acção dos três partidos.

A Associação Social Democrata Timorense defende a independência - mas imediata, por uma questão de utopia dos utopias, mas num prazo de cerca de 10 anos. Formada e dirigida por elementos estudantes e alunos dos jovens da população tem a sua acção limitada, até agora, ao meio urbano; o facto de se apresentar como um partido de "minds" e certamente lhe dará o prestígio numa sociedade em que a elite é ainda vista como símbolo de prudência, sabedoria e respeitabilidade. Uma tentativa de fazer alargar a sua acção ao interior falhou - porque a população, indiferente, correu aos comícios antes de se iniciar a sessão. Depois desse desaire o partido passou a advogar o adiamento do referendo para daqui a 4 anos, alegando a impreparação do povo. Este grupo é apresentou as seguintes soluções viáveis para os três problemas essenciais de Timor: o subdesenvolvimento, o monopólio económico da comunidade chinesa, do ponto de vista técnico, uma falha grave: mas toda a gente sabe, e os políticos melhor do que ninguém, que a política se faz + com emoção e com ideias.

Este grupo conta com o apoio - a distância de, pelo menos, - dos estudantes timorenses na Universidade. Aparentemente influenciados pelo maoismo, têm desenvolvido uma propaganda de um irrealismo atroz, pautada pela dos movimentos emancipalistas africanos, sem reparar que é completamente diferente a problemática de Timor como o saído ampararam em Abril a "causa de Timor em Lisboa", mas teve mantido a despeito de si ter feito pouco mais do que criar dificuldades ao Governo Provisório. Como sendo nacionalistas em Timor não têm qualquer hipótese de vencer pela força, pois o Estado concede, para fazerem a sua propaganda, como sendo marxistas-leninistas guerrilheiros de selva, pois desde o 25 de Abril sem luta de qualquer espécie contra o colonialismo e um grupo pode andar de lua Arthur ou fingindo-se, é pergunta a que só o povo pode responder. É de prever que, sendo de orientação marxista, entrem em conflito com a direcção da ASDT, que o não é, e que suscitem a desconfiança da Indonésia, que desde 1961 tem uma política frontalmente anti-comunista; e, como tem feito aqui, atraiam violentamente a hostilidade da população contra si inteligentemente e

A Asso. Popular Democ. de Timor (APODETI) mostra-se muito + realista. Não vê nenhuma independência compreendo utópica, atribuindo as culpas do "fracasso" da colonização portuguesa à ~~atenuadamente~~ à distância q separa a Indonésia - que por + que se queira não pode ser ~~mantida~~ vinculada por essa razão - e, por isso, inicia a publicação de um jornalzinho, onde entre outras coisas ensina os leitores a tradução indonésia de termos portugueses correntes, como cão, gato, água e chapéu-de-chuva, etc... Este grupo conta c/ o apoio pelo menos alguns funcionários do consulado indonésio em Dili, que sempre trabalharam nesse sentido; é natural que se a balança começar a pender p/ a ASDT, o apoio ~~enfraq~~ se intensifique. Este partido tende a agrupar os mais antigos de Indonésia, sobretudo os q têm parentes "do outro lado" e os descontentes mais avisados, que desejam uma mudança mas à acre- ditam na possibilidade de independência. Não tem moderado os seus comu- nicados, na defesa da religião católica e da doutrina social da Igreja admite-se que estão sob a influência de certos elementos do clero nativo local. Os fundadores do grupo são, aliás, em grande parte antigos feniancistas. Também este partido não logrou ainda atender a especifi- dade do interior; na capital, tradicionalmente muito católica de onde é oriundo um dos fundadores, houve mesmo um dia de greve de protesto em todas as escolas, e mesmo uma procissão de desagravo... outro, filho de um régulo, foi ameaçado de morte pelo próprio pai se fosse à festa ter fraternizado do partido.

- O 3º partido, finalmente, é a União Democrática Timorense, que preconiza a "autonomia gradual sob a bandeira das Quinas". Este grupo, chefiado pelo único timorense diplomado c/ um curso superior, tendo as sobras da antiga ANP - o que não tem tanta importância como aqui, porque em Timor a ANP era um pró-forma - é o único que tem dado a especificidade ao interior, julga-se que dispõe do apoio de todos os régulos - o que veio a significar o apoio de 90% da população de Timor. Em Aileu, onde realizou uma sessão de propaganda, foi mesmo recebido c/ a festa e as honras que normalmente se reservam ao governador, e os chefes locais quiseram renovar então o "pacto de sangue" que há muitos anos haviam feito com os primeiros portugueses a atingir a região.

- Este partido só poderá oferecer uma solução válida aos dois proble- mas fundamentais, que referimos se cortar com um real apoio de hectóplo, em técnicos e em capital. Portugal não lucrará nada materialmente nessa operação, mas é só de pão vive o homem e, seja qual for as circunstâncias, colaborar no desenvolvimento de Timor é uma obrigação moral. Colaborar desinteressadamente no desenvolvimento dos territórios subdesenvolvidos é o dever que as Encíclicas Papais apontam aos mais afortunados; mas ainda que não fosse um dever cristão, é um dever humano - e isso, nem mesmo que fosse surpt, ideológico, me diga ser o auxílio desinteressado ao próximo uma má acção.

A União Democrática Timorense queixa-se, porém, de que de algum jovens ~~dirigentes~~ dirigentes pelos atuais da corrente unitária durante a estadia em Timor nesta altura encontra uma distância de animosidade e os favores desses jovens ~~unitários~~ unitários vão p/ os outros dois partidos, que pode ser ~~a integração na Indonésia~~ uma atitude de inconsciência irresponsabilidade, tentando esconder o suicídio cultural que a integra- ção na Indonésia significaria para Timor, - o que uma independên- cia utópica tem de inconsciente também, ou então uma atitude de auto-entusiasmo c/ a sua própria ilusão, como a que levou ao suicídio o herói da Ponte do Rio Kwai... Por este motivo, vai deslo- car a Portugal uma delegação da UDT, a expor ao governo a sua posição de garantias de que a autodeterminação terá um processo sério, e não uma disfarçada traição, através duma "pretensa continuidade

entidade inútil - se tudo isso, afinal, abstracções; mas a vozes centenas de milhares de seus humanos, de carne e osso como nós, que em nós continuam a existir.

Ali a 15.000 km de Lisboa, nunca ela é pouco documentada ao sul dos trópicos um denso tomo bibliográfico, passa-se um drama: o drama de um povo a quem meio milénio de presença portuguesa deu suficiente individualidade cultural para se não poder deixar absorver pela vizinhança, mas não suficiente ~~individualidade~~ autonomia económica p/ a poder substituir pelos próprios meios; o drama de um povo que só é o que é, não o que os vizinhos são, porque lhe foram cedendo, meio a meio, entregou nas mãos dos portugueses, disse-lhes que lhe deu modelassem o seu ser; e que ao cabo de poucos séculos, meio de civilização, timidez, continua, por hábito, por tradição, por ingenuidade talvez, por necessidade com certeza, a ter os olhos postos numa pátria que parece esperar ter para ela obrigações; obrigações de que se não pode demitir de ânimo leve, porque só ela, o povo timorense, o poderá delas dispensar.

O povo de Timor deve ser esclarecido honestamente das vantagens e desvantagens ou perigos dos caminhos que elege para trilhar; mas é a ele, e só a ele, que compete fazer a escolha. E se ele tem, como tudo parece haver a crer, no sentido da origem à Portugal permanece fiel ao compromisso histórico que assumiu, há que respeitá-la, não que alienar a nossa própria identidade.

Terá então talvez chegado a hora de fazer o que nunca se fez, de tomar a sério o que nunca a sério se tomou: como quem alimenta e acarinha um filho que nos cai raquítico e não pode caminhar por si - e possível! Se não, ao menos como quem dá uma esmola - um folar no caminho; nunca, porém, como quem atira aos tarcos os sobras mais ou menos limpas de uma comida.

Luís F. Tomaz